Para o estudo de caso foi utilizado um questionário semiestruturado com seis perguntas para os professores, segue a transcrição das entrevistas.

|  |
| --- |
| Para você, quais são as contribuições que a logoterapia oferece para a educação? |

|  |  |
| --- | --- |
| Entrevista 1 | A meu ver as principais são as três dimensões que o Viktor Frankl fala que é nóetica, a biológica e a espiritual, que é você realmente aceitar a criança da maneira que ela é como ela nasceu, a família, muitas vezes a gente não entende o que acontece, mas você olhando para a criança, vendo como é o biológico dela muitas coisas se explicam então eu acho que as três dimensões são bem importantes. |
| Entrevista 2 | A logoterapia tem muito a contribuir para o desenvolvimento pessoal de cada indivíduo. Nas crianças nós aplicamos fazendo com que elas tenham responsabilidade, se colocar no lugar do outro quando tem uma desavença, se ocorre uma briga entre eles e podemos estar interferindo nesse aspecto pedagógico,  a gente pode utilizar nos momentos em que a criança tem dificuldade dizendo para o amigo ajudar, o professor mesmo pode ajudar quando a criança está com dificuldade e deixar ela mesmo caminhar com sua própria base, do que ela já tem de pré  conceito do que está sendo estudado. |
| Entrevista 3 | Eu acredito que a logoterapia vai desenvolver a pessoa na dimensão psicológica, biológica e a noética. Então nesse sentido ela desperta a pessoa para a responsabilidade, a liberdade e a consciência, então, tudo o que eu vou fazer, eu vou ter a consciência se está certo ou errado, tenho a liberdade de fazer o certo ou errado e tenho a responsabilidade sobre os meus atos. Acredito que dentro da educação a criança pode perceber se o que ela vai fazer é certo para ela, se é melhor para ela ou para outra pessoa, no caso poderá ajudar ou não, então, a logoterapia contribui no sentido da pessoa se conhecer e ver o que pode melhorar, o que ela tem para melhorar, o que ela tem pra dar para outra pessoa, em que pode ajudar, acredito na contribuição nesse sentido de você ser bom, não só falar eu sou bom porque eu ajudo, mas colocar em prática, vivenciar tudo o que você aprende, tudo o que você é, o que você traz da sua casa, o que você aprende aqui na escola. |
| Entrevista 4 | Em relação à educação eu percebo que diferente de outras metodologias, de outras propostas e outras escolas aqui a gente vê a criança de um modo mais abrangente, na dimensão noética, que outras escolas não têm isso, eu acho que interfere muito porque a gente precisa educar uma criança e saber isso, que ela tem um lado noético, não só o psicológico, biológico... E precisamos levar em consideração tudo isso. |
| Entrevista 5 | São várias, principalmente o trabalho com o aluno individualmente, saber da história, saber um pouco da vida dele, para que possamos trabalhar com ele de maneira individual como ser único então, aquele aluno para mim tem uma particularidade que um outro aluno não tem, vou ter que trabalhar com ele de certa forma que não vou trabalhar com outro, vou adaptar minhas estratégias para cada aluno da sala. Então acho que é a maior contribuição da logoterapia é termos essa visão de pessoa... Tentar trabalhar com essa pessoa da maneira que ela é como a gente conhece a história dela e tudo mais. |
| Entrevista 6 | A logoterapia é um diferencial na nossa escola por trabalhar a visão de pessoa, aqui para nós cada criança, cada ser cada é um ser único e irrepetível e a gente consegue respeitar essas pessoas, vendo suas limitações, conhecendo as possibilidades, vendo oque ela pode vir a ser, nós trabalhamos muito não com que a criança é e sim como que ela pode vir a ser então todo aluno tem possibilidade de aprender para a gente, nós respeitamos as limitações tentamos conhecer as aptidões os dons que ela tem ajudando que isso se aflore no decorrer do tempo para que ela descubra as suas excelências e se desenvolva e possa vir a ser o que deve ser, despertar na criança o que ela pode vir a ser e a questão do sentido da vida que tudo tem um sentido, as coisas que a gente faz, as nossas escolhas e a gente ensina muito a aprender a escolher, que todo mundo tem a liberdade de escolha mas tem que acertar nas escolhas e se errar assumir com responsabilidade. |

|  |
| --- |
| Como se dão as relações de ensino-aprendizagem na perspectiva da logo pedagogia? Quais são os elementos essenciais? |

|  |  |
| --- | --- |
| Entrevista 1 | Aqui na escola, na minha turma com as crianças de cinco anos eu trabalho assim: todo o conteúdo que a gente vai apresentar eu sempre analiso o que eles sabem antes... então a gente vai joga um tema. sei lá a água: “o que vocês sabem sobre a água?” aí eles trazem, eles falam: “Ah! A gente sabe isso, a gente sabe aquilo... o desperdício, tal, tal, tal...” “O que a gente vai trabalhar a partir disso? O que a gente vai fazer aqui na escola?” Nós valorizamos sempre o que a criança tem pré, daí vamos aprofundando de acordo com o que a gente quer alcançar, os objetivos que a gente tem em mente. É a mesma coisa com a construção de palavras, ah! A gente vai trabalhar a vogal A, “O que vocês conhecem que começa com A?” Aí eles vão falando, e a partir daí o que a gente pode fazer? A gente pode escrever? Então vamos construir, o que a gente vai construir? Aí a gente vai construindo juntos palavras, trabalhando sons, a grafia e tudo mais. |
| Entrevista 2 | No nosso colégio nós temos um projeto que é chamado PROJETO RECIPROCIDADE, esse projeto é designado a fazer com que as crianças tenham autoconfiança no que ela vai realizar durante o mês, então, por exemplo, no mês de abril, no primeiro dia do mês nós realizamos uma assembleia e desta assembleia nós tiramos várias responsabilidades como ajudar o amigo que tem dificuldade, transmitir recado da professora para outras professoras ou para a coordenadora, responsabilidade de distribuir as atividades, recolher agenda, apagar a lousa, apagar a luz e os ventiladores. Então são Ns fatores que as crianças têm como responsabilidades para desenvolver durante o mês e assim as crianças podem adquirir autonomia e responsabilidade, por que elas também são cobradas pelos amigos da sua responsabilidade,  se ela não está conseguindo desenvolver o amigo fala, vai lá pega a sua tarefa, faz a chamada que é responsabilidade do aluno. “Olha, tem que apagar a luz.” então eles mesmos vão cobrando um do outro a responsabilidade que é dele aquele mês,  se eu ver alguma intercorrência durante alguma coisa ou se  o amigo não conseguiu realizar, no próximo mês a gente faz essa reflexão “ele vai conseguir? aí ele permanece  mas geralmente a criança gosta de trocar para realizar outra função dentro desse projeto e também temos o projeto de alfabetização que a criança lê um pequeno texto de qualquer autor ou mesmo um parágrafo de livro, do livro que estamos trabalhando para desenvolver o projeto da leitura, aquela criança que tem mais dificuldade para leitura ela é designada durante o mês a ler alguns treichinhos.Nós temos também toda semana durante a segunda-feira  trechos da Bíblia que a professora de ensino religioso manda para a gente aí essa criança que tem dificuldade na leitura ela vai ler também essa passagem da Bíblia isso incentiva criança que está com dificuldade na leitura. |
| Entrevista 3 | Eu acredito que a logo pedagogia é você colocar em prática o que você está aprendendo, colocar em prática, por exemplo, se você está aprendendo sobre o meio ambiente: porque ele é bom? Para que a água serve? Ela serve para aguar... Para o nosso consumo... Ela serve para os animais... Então, eu tenho que colocar em prática, se eu já aprendi que ela é boa então à gente tem que cuidar para não ter o desperdício. O que tenho que fazer para não ter desperdício? Eu tenho que ter consciência... Eu acredito que é isso mesmo você aprendeu, internalizou o conteúdo e de repente você numa situação do dia vai colocar em prática aquilo que realmente deve ser, se a gente está aprendendo sobre a água está vendo sobre o consumo da água as pessoas não têm noção do uso... Você pode ensinar, mas em casa também o consumo ou o desperdício... Eu acredito que os elementos é trocar com as crianças conhecimento. Por que elas trazem muitas coisas, a gente troca com eles, tenta ver o que está faltando nisso que eles já sabem, é a troca de conhecimento  porque o professor não sabe tudo. Então, acho que é trocar, assistir vídeos, ouvir músicas, ler textos, assistir documentários, mas considerar tudo que a criança sabe por que a criança tem muito a nos ensinar. |
| Entrevista 4 | Durante o dia a dia baseado na logo pedagogia nós fazemos uma reflexão com a criança: “você não obedeceu, você fez tal coisa que não agradou o seu amigo, algumas atitudes que não condizem com combinados da nossa turma...” vou dar um exemplo: ontem eu conversei com eles, estávamos saindo de um espaço e indo para a sala de aula e um aluno saiu correndo na frente e foi beber água, daí eu falei: “não, pera aí agora a vamos para a sala de aula, vamos guardar os brinquedos, lavar as mãos e depois vamos beber a água” e aí mesmo assim ele foi aí eu chamei a atenção dele e falei “vamos para a sala de aula”, conversei com ele e fomos para a janta voltamos e um amigo fez alguma coisa que ele não gostou com o brinquedo ele cuspiu na cara do amigo dele aí eu falei: “eu cuspi em você quando você fez alguma coisa? Eu não gostei quando você correu... Você acha que eu gostei?” aí ele ficou pensativo, ele tem cinco anos então eles conseguem ter essa consciência que a consequência não é do jeito que eu quero e aí eu acho que deu certo. |
| Entrevista 5 | Nós procuramos trabalhar com a criança de maneira individual como ser único, nas relações de ensino-aprendizagem procuramos sempre deixar que a criança tenha sua opinião e possa falar isso em grupo, trabalhamos sempre em grupo de modo circular, trabalhamos por meio de assembleia onde cada um pode colocar a sua opinião, aquilo que está incomodando, como podemos mudar isso, porque muitas vezes há conflitos entre os alunos e eles querem expressar a opinião deles, mostrar onde está o erro, trabalhamos dessa forma, é uma das características, uma das coisas que a gente faz nesse trabalho de ensino-aprendizagem, isso ajuda bastante porque acabamos tendo uma relação muito mais próxima com os alunos como amigos e eles aprendem também a externalizar aquilo que eles sentem, aquilo que eles querem falar, o que eles pensam, o que está incomodando, acho que isso é uma grande contribuição da logoterapia. |
| Entrevista 6 | Primeiramente é despertar na criança a busca pelo sentido, não fazer por fazer, mas por que você vai fazer, eles são totalmente dependentes ainda, então trabalhamos a questão da autonomia para que eles consigam fazer pequenas coisas com responsabilidade, nós temos o projeto reciprocidade que tem toda uma sequência de tarefas que eles desenvolvem todos os dias, até para perceber a rotina, entender a sequência das coisas, fazer cada coisa no seu tempo com paciência respeitando as limitações, trabalha também muito o respeito às diferenças, também somos uma escola inclusiva. Temos o projeto Valores e Virtudes em que trabalhamos o valor concreto, como nós podemos aplicar os valores amizade, bondade, responsabilidade... De acordo com a faixa etária, isso funciona na prática, despertando na criança o trabalho, continua com a família... A escola tem muito essa união de escola e família, conversando, trabalhando em parceria as coisas... Temos o projeto protagonista que também vivência essa questão de respeitar, conhecer o outro melhor, respeitar cada um como ser único, conhecer o que ele gosta, aí nós falamos: “vamos saber o que o amiguinho gosta para não fazemos aquilo que o desagrada... vamos fazer sempre coisas que ele gosta.” e aí nós trabalhamos durante toda semana trazendo coisas que criança gosta mostrando para a turma, compartilhando, percebendo as diferenças e semelhanças entre um e outro para ter essa noção de respeito, de singularidade, de que não precisa ser igual... A liberdade de escolha, saber escolher, responder pelas escolhas feitas... Nós não trabalhamos com castigo na escola a punição é no caso ele deixar de fazer aquilo que ele queria fazer... Eles montam a rotina, sabem passo a passo que eles vão cumprir no dia, se porventura acontece alguma coisa, brincou fora de hora, desobedeceu as regras... Nós levamos o aluno a refletir sobre aquilo e aí ele vê que o tempo passou e não cumpriu tudo... Às vezes perde o recreio por causa da sua falta de administração do tempo... A punição é bem leve acontece naturalmente no nosso dia-a-dia, é uma consequência... Eles nem sentem não usamos essa frase: A tia colocou de castigo, como em outra escola ou colocou para pensar... No caso deles é uma consequência do que eles fizeram. |

|  |
| --- |
| 3. Quais são as ações concretas que você utiliza para educar para a liberdade e a responsabilidade? |

|  |  |
| --- | --- |
| Entrevista 1 | Pra liberdade nós damos a liberdade de escolha para as crianças, é, por exemplo, temos a nossa rotina, então eles sabem que naquele determinado dia tem aquelas coisinhas a serem feitas, então eles tem a liberdade de escolher se eles vão ou não participar de tudo, então assim, a gente tem aquelas metas para serem cumpridas, e têm aí algumas coisas que ás vezes foge ás vezes o amigo bate, então assim, hoje tem parque, você está escolhendo ir ao parque ou não com essa sua atitude? Então eles têm a liberdade de escolha, “não, eu não estou escolhendo...” Então o que você tem que fazer? “Ah! Eu tenho que tratar bem meu amigo, eu tenho que cuidar bem dele.” Então, você vai poder trabalhar com isso.  Com a responsabilidade lá na nossa sala, o ano passado nós começamos e esse ano a gente intensificou, tem um painel que chama painel das responsabilidades onde tem todas as funções da sala, por exemplo, ligar e desligar as luzes, o ventilador, arrumar as mesas, arrumar os brinquedos, a pasta de tarefa, a pasta de material deles, os cadernos... Então cada criança tem a sua função durante o mês todo, então começa o mês a gente pega, fala: “Ó trocou o mês, fulano, fulano e fulano foi dessa responsabilidade agora esse mês a gente troca, então cada um é responsável por uma tarefa”, então eles ficam responsáveis pela agenda, outros pelas arrumações das mochilas, o outro para encher a garrafinha de água do amigo, então, cada um tem um tarefa naquele mês, então eles vão se cobrando, assim se o amigo não faz a parte dele, fala: “Ó você não organizou a mochila, tá lá”, não que ele vai organizar todas as mochilas, mas ele pode cobrar do amigo, ó você chegou e não colocou a mochila no lugar. Ó você chegou e não colocou a nécessaire no lugar, então, eles vão falando, aí tem o responsável da oração, daí eu falo “ começamos o dia quem são os responsáveis da oração?” Daí eles vão “ah! Sou eu e a amiga”, daí eles vão e fazem a oração, e depois, vamos lá da chamadinha, “quem é o responsável da chamadinha?” Daí eles vão e fazem a chamada...veem quem faltou, “ah! Faltou o fulano”, “então vamos tirar o nome dele daqui que hoje ele não veio”, “ah! Então tá bom, quem é o responsável da rotina?” Aí eu falo “hoje a gente vai ter massinha, depois linguagem oral, depois nós vamos para o lanche, vai ter parque, vai ter aula de musica”, aí eles vão montando com as figuras, aí eu pergunto “quem são os responsáveis pelas pastas?” Aí eles vão e entregam a pasta para cada amigo, “ah! Quem é o responsável da atividade?” Aí eles vão e entregam a atividade na hora para o amigo, então cada um tem a sua responsabilidade na sala. Daí às vezes falta um ou outro e eles falam e “agora? O fulano faltou...” “ah! então quem pode ajudar ele? Já que ele não veio quem pode fazer essa tarefa por ele?” Aí eles vão se ajudando... E o protagonista ajuda a semana toda, todas as funções também, tem as suas responsabilidades, e vai ajudando também todos os amigos. |
| Entrevista 2 | A liberdade é você escolher o que você quer fazer, você pode tomar a decisão pelo caminho certo ou você pode tomar a decisão errada, “eu quero mesmo fazer isso, eu vou xingar meu amigo mesmo” e aí o que a gente faz quando acontece isso? Nós entramos, fazemos a assembleia colocando alguma coisa que está sendo desagradável na turma, a gente faz a assembleia e põe os pontos positivos e negativos do que está acontecendo, ouvi os dois lados, o que aconteceu, qual foi a provocação, qual foi a reação do amigo e a responsabilidade, eles tem a responsabilidade de fazer o certo ou errado e depois ele sabe que tem uma consequência porque nós elaboramos no início do ano as regras e aí também nesse projeto reciprocidade se acontece alguma coisa, alguma eventualidade em que está sendo esquecida as regras nós retomamos quando ocorre na assembleia e aí nós discutimos regras , “está sendo certo que você fez?” “não está”. E aí sempre tem uma reflexão e uma punição porque toda consequência tem uma punição  mediante a ação que, se as crianças falaram que vai perder alguma coisa  isso tem que ocorrer se as crianças falaram que ele tem que ajudar, ficar mais perto da professora, do amigo que teve esse problema... fazemos essa reflexão para eles entenderem que eu preciso respeitar o outro enquanto ser humano nós somos diferentes um do outro eu penso de uma maneira você pode pensar de outra e aí eu preciso respeitar. Então temos que mostrar isso para as crianças. |
| Entrevista 3 | Nós temos aqui na escola o projeto que chamado A OBRA BEM FEITA, é uma casinha e nessa casinha colocamos todos os dias de aula da semana então eles falam: “porque não tem o sábado e o domingo?” “é porque no sábado e no domingo você não está aqui na escola”. Então eles têm a liberdade e a responsabilidade de no final do dia se auto avaliar. Então, nesse dia eu fiz a minha obra bem feita? Eu fui um bom aluno? Eu fui um bom amigo? Eu não briguei? Eu compartilhei? Eu ajudei? E tudo mais... Então, chega no final do dia eles pegam essa casinha dentro da caixinha da OBF- obra bem feita. A criança tem a liberdade de ir lá e pegar se ela sentir vontade e com responsabilidade ela vai se auto avaliar, eles pegam e falam: “eu acho que não mereço pintar porque na hora da lição eu não ajudei.” e tem acontecido muito isso, eles falam: “ontem eu e meu amigo discutimos então não mereço pintar” é a casinha que vai se construindo então, para construir uma casa eu preciso de todos os tijolos, no final desse mês avaliamos: “sua casinha ficou faltando o tijolo? no que você precisa melhorar?” é uma maneira de a gente colocar os conceitos de liberdade e responsabilidade, deles se auto avaliarem e não a gente ir lá e falar: “ponto negativo para você, ponto positivo para você” eles se auto avaliam. Acredito que é nesse momento que eles podem colocar o conceito liberdade e responsabilidade em ação. |
| Entrevista 4 | Esse ano temos um projeto que trabalha muito a responsabilidade e está dando muito resultado é o Projeto reciprocidade. Então, tem um painel com várias funções e uma criança fica responsável por entregar as agendas, outra as garrafas de água, outro aluno entrega as pastas das atividades enfim, são várias funções e aí cada um tem a sua função então, por exemplo, se estamos saindo para tomar o lanche e aí fica uma bagunça as mesas, eu sempre falo para colocar a cadeira no lugar e empurrar, mas sempre fica uma fora do lugar então tem o responsável para organizar as cadeiras e as mesas aí eles vão lá e falam para o colega: “vem aqui arrumar, então eles têm essa consciência de responsabilidade que eles tem que fazer aquilo quando voltamos da janta quem é responsável por entregar as agendas pega e já vai entregando, guardando na bolsa... é um projeto bem legal que está começando na educação infantil e vem para o fundamental. |
| Entrevista 5 | Na sala de aula todos têm responsabilidades específicas, temos um quadro de responsabilidades e trabalhamos a parte mais prática então, no começo do ano são definidas essas responsabilidades, cada criança vai ter uma responsabilidade e ela tem que executar isso com a ajuda de outras crianças e a gente sabe que essa responsabilidade tem a ver com a logoterapia, porque não vai ter a liberdade de não querer fazer ou de transferir essa responsabilidade para outra pessoa, mas eles têm a liberdade junto com a responsabilidade nessas pequenas tarefas do dia a dia da escola. |
| Entrevista 6 | Todos os dias nós temos o projeto reciprocidade e recordamos as funções do painel do que tem sentido e não tem sentido, são as regrinhas do que pode e não pode fazer então nós baseamos a nossa rotina nessas coisas... Eles aprendem a escolher... Tem abertura para escolha, agora é hora de fazer atividade... Ele pode escolher entre fazer ou não fazer, mas a gente sempre mostra o caminho... Se não fizer vai ficar atrasado... Então eles acabam respondendo de forma positiva o chamado que nós damos... Então eles vão aprendendo a fazer suas escolhas assim e a consequência vem em seguida, se fez o trabalho bem feito a consequência é boa, se não fez ficou sem ter o que fazer, depois em outro momento enquanto o amigo brinca irá terminar... Mas é bem tranquilo... E a responsabilidade é isso cada um tem a sua função na sala. Um ajuda o outro, mas cada um tem um trabalho a fazer, entregar os cadernos, entregar as pasta, apagar a luz da sala, ajudar no lanche... Então eles percebem que um ajudando o outro se completa e se deixa de fazer faz a diferença, faz falta, porque a participação de todos é importante. Se aprende a responsabilidade nas pequenas coisas, nós passamos para casa cada virtude que trabalhamos, cada tema que nós trabalhamos passamos para a família, perguntando como você pode trabalhar o tema com seu filho? Para que os pais faça uma proposta de trabalho com eles também, quando nós trabalhamos obediência: quais as questões que nós queríamos que fosse salientada da obediência? Obedecer a ordem das coisas, obedecer ao professor, obedecer às regras da turma e para casa a mesma coisa porque é importante você ser obediente em sua casa aí eu passo aí o pai lança os objetivos e no final nós fazemos avaliação de cada criança dos trabalhos de casa e da escola.. O pai faz avaliação da casa, o que precisa melhorar o que é atingiu e o que não atingiu... |

|  |
| --- |
| 4. Como é despertada a consciência para o sentido em crianças nos anos iniciais da vida? |

|  |  |
| --- | --- |
| Entrevista 1 | Eu trabalho muito com eles o que tem sentido e o que não têm sentido, eu falo assim “você bateu no seu amigo, isso tem sentido?” “Ah! Não tem.” “Então, o quê que tem sentido? A gente cuidar, respeitar, não é? Muitas vezes estamos fazendo uma atividade, alguma coisa, aí do nada alguém fala assim “ah! Eu fui ao parque ontem”, “ah! Mais isso tem sentido agora? Você falar que foi no parque agora no meio da atividade? Isso tem sentido?” “É não tem”... ”então, na hora que terminarmos a atividade você pode contar que você foi ao parque e o que você fez, mas agora isso vai contribuir com o que estamos aprendendo? Se for contribuir pode falar, mas se não tiver sentido não precisa ser falado agora”, aí eles falam é realmente não tem. Aí as vezes tem criança que levanta a mão e fala “eu vi tal coisa legal e tal...” “ah! ...isso tem sentido, então podemos colocar na atividade, alguém tem mais alguma contribuição? “ Então vamos vendo o quê que tem sentido e o que não tem, trabalhamos dessa maneira com eles, principalmente nas atividades,o que tem sentido e o que não tem , aí a gente trabalha também assim o que é essencial e o que não é. “ Isso é essencial nesse momento?” “Ah! Não isso não é...então vamos deixa para depois...o que é essencial agora? Que você sente, que você fique na postura de estudante, que você aprenda, o que não é essencial agora pode ficar para mais tarde, ou para outro dia, o que é essencial agora é que você faça tal coisa. Que você aprenda e tudo mais...o que não é importante vamos deixar para lá.” Então a gente trabalha muito com eles o que é essencial e o que não é. |
| Entrevista 2 | Bom, despertar a consciência para o sentido em crianças de 5 a 7 ou 8 anos de idade é bem a vida deles propriamente dita crianças de oito anos  buscam se divertir aí a gente proporciona para eles a responsabilidade, como se divertir? O que é divertido? Para eles no jogo de futebol, você vai participar de um jogo de futebol é divertido, é, mais, é divertido você ficar falando ou xingando o adversário?  Qual é o sentido que você busca numa partida de futebol? Todo mundo busca jogar e ganhar, e o que as crianças gostam nesta faixa etária? Eles querem ganhar e o que a gente busca? O importante é participação, se você está lá, se você está participando  já é um mérito seu, por você estar participando você já teve várias coisas que você pode ter tido superação de si mesmo para estar numa partida, em sala de aula numa prova quando eu apresento conteúdo para eles eu falo para eles estudarem, estudem os capítulos, mas eu falo para eles, o importante é vocês realizarem toda prova, não fiquem nervosos, com certeza vocês viram em sala de aula, conversando com vocês e eu busco tirar o máximo que eles aprenderam de maneira mais tranquila que eles ficam meio apavoradas na hora da prova então, o sentido que eu vejo que o importante é você estar realizando a prova por isso a prova tem um peso e a gente também tem um peso. Em grupo fazemos avaliação, não são provas porque a gente busca também outro sentido, não só avaliação escrita das crianças e também tem a questão dos valores respeito com os pais, à família, agir corretamente de maneira adequada com os pais,  os profissionais da escola, os mais velhos, temos aqui para um projeto para os idosos em que os alunos ensinam informática para eles a partir do sexto ano então a gente tem o projeto com os idosos que dá um sentido para terceira idade,  que a gente vê  “os velhos não sabem nada, já passaram, não querem fazer mais nada” aqui a gente trabalha isso e aí tem um sentido, eles são mais belos e tem algo de bom a  me oferecer, respeitar os mais velhos os professores e os profissionais aqui na escola. |
| Entrevista 3 | Quando eles chegam no ensino fundamental eles vem totalmente dependentes do adulto, no caso, do professor, não sabem nem abrir a pasta para colocar uma folha dentro para levar a tarefa de casa então, no princípio vamos ensinando, mostrando como que faz, mas a gente ao passar dos dias vai fazendo com quê ele faça sozinho porque tudo tem um sentido, porque eu tenho que levar a tarefa de casa? É para complementar meu estudo da escola. Por que eu tenho que fazer sozinho e minha mãe e professora não podem fazer por mim? Porque tudo na vida a gente não precisa depender do outro para fazer, claro que algumas coisas você precisa, mas, no caso específico disso eu não preciso depender da minha professora para guardar uma tarefa dentro da pasta, você é capaz, você precisa ter calma, tem crianças que fica constrangida, até chora nesses momentos então, a gente fica junto, pede para se acalmar, sair da sala, voltar, então, vamos lá, qual é o sentido de você fazer isso sozinho? Para você ter o sua independência você não precisa ficar dependendo de todo o mundo para tudo então, eu busco participar neste momento aí eu sento, peço para se acalmar, sair da sala, beber uma água, voltar, aí eu mostro como faz primeiro, segundo e na terceira vez ele já tenta fazer sozinho fala: “nossa, eu consegui”, tá vendo a gente precisa tentar a gente só vai conseguir se a gente tentar, tem sentido para isso na nossa vida, a gente tem um sentido em estar aqui na escola, tem sentido para aprender, para ir ao médico, tudo tem sentido, a gente enxerga o lado ruim desse sentido e retira o máximo que você conseguir , eu percebi nessa situação de chorar, eu falo: “tudo bem, é uma forma de você desabafar porque não está conseguindo mas ninguém vai ficar rindo de você por causa disso, fica tranquilo, vai lá no banheiro, volta aí depois disso ele, a criança, melhora, a criança se coloca mais nas situações, às vezes vem de uma outra escola, de uma outra proposta , todo mundo faz as coisas pela criança, uma escola menor, então, eu falo você faz tantas coisas sozinho então vamos chegar ao sentido de porque você ter que fazer isso sozinho. então é assim que a gente procura direcionar, mostramos ajuda no começo mas aos poucos vai deixando a criança fazer sozinha principalmente nesses momentos de frustrações então eu mostro, eu ajudo. Deixo sempre mais próximo de mim quem tem mais dificuldades, mas depois eu vou vendo isso, eu vou deixando porque no próximo ano é uma realidade diferente, vão ter outros livros... vão ter que acabar se virando sozinhos, claro que a professora ajuda por que é uma classe de alfabetização que se da continuidade, mas precisamos mostrar para criança que tudo tem um porquê de acontecer porque vai ter uma consequência boa ou ruim e ele precisa tirar o máximo disso. |
| Entrevista 4 | Para despertar o sentido é preciso que a criança seja livre em suas escolhas, por exemplo, eu não vou escolher cuspir no meu amigo se eu ele fizer algo, a função do professor é despertar o sentido, despertar a consciência da criança para ela fazer as escolhas certas e ter a liberdade de escolher, você pode cuspir no seu amigo, mas terá consequência, você acha que ele vai querer continuar sendo seu amigo? Brincando com você? Eu acho também que desenvolver a autonomia é uma coisa muito positiva para criança ser mais autônoma para conseguir encontrar o sentido. |
| Entrevista 5 | Trabalhamos com as crianças para que elas despertem a consciência para o sentido quando fazemos trabalhos de acordo com a necessidade de cada criança, quando tem crianças com deficiências abrimos a situação para a turma e dizemos que todo mundo é responsável por essa criança ou, por exemplo, todo mundo é responsável por ajudar uma criança que não está alfabetizada na turma, o ano passado tinha uma criança que não estava alfabetizada, era o único na turma, colocamos isso para a turma... Como poderíamos ajudar aquela criança? Sendo que ela tinha capacidade para isso e como poderíamos contribuir ainda mais para essa criança se alfabetizar então, eles tiveram a ideia de termos um tempo, vamos começar a trabalhar com alfabetização, eles eram os tutores desta criança quando começava a aula eles trabalhavam somente com alfabetização e essa criança só aceitava as outras crianças e ele foi se desenvolvendo e foi alfabetizado então, ele encontrou um sentido para ir pra escola porque para ele já não estava tendo sentido mais, ele estava angustiado porque não sabia ler, não conseguia ler as histórias e o sentido para as outras crianças também que já estavam alfabetizadas de ajudar essa outra criança acredito que eles despertaram a consciência para o sentido. |
| Entrevista 6 | Eles são muito pequenininhos ainda, para eles nós somos um modelo, não podemos dar essa abertura para que eles escolham toda hora porque eles vão escolher o que é melhor para eles, então nós temos que mostrar o caminho, ensinar escolher escolhendo junto, mediando as escolhas, sempre mostrando o lado bom e o lado ruim, as consequências de cada escolha... Mediando para que eles tentem sempre escolher aquilo que é certo... |

|  |
| --- |
| 5. Em sua vivência como professor (a) você já se deparou com uma experiência de sofrimento que o (a) fez encontrar sentido para a sua prática pedagógica? |

|  |  |
| --- | --- |
| Entrevista 1 | Já. Faz mais ou menos uns três anos atrás, eu recebi um aluno novo no jardim II, tinha cinco anos, e assim, na primeira semana ele ficou super bem, e na outra semana ele voltou, foi no meio da semana, acho que uma quarta-feira, e ele não queria ter vindo para a escola, a vó dele deixou ele na sala, aí ele começou a se debater, e eu falei “vamos passear lá fora, você quer dar uma volta comigo? A gente vai, a gente conversa... “ Mas ele não queria ficar aqui de jeito nenhum, aí nós fomos, ele foi até perto do parque, ali dentro da educação infantil e do nada ele me bateu, mas assim, muito, ele me bateu, me arranhou,me unhou, foi assim um trauma e ele era bem grande, inclusive ele tá aqui até hoje, e ele era quase do meu tamanho por que ele era bem grandão, aí eu falei “Meu Deus! E agora? O que eu faço com esse menino?” E ele me bateu, me unhou, aí tinha um zelador e eu disse: “ pelo amor de Deus corre aqui, me ajuda, ajuda só a segurar ele” aí ele segurou e eu pedi para se acalmar, só que ele não queria ficar aqui nesse momento, aí a antiga diretora veio, pegou ele, levou ele lá para cima, no começo eu sofri muito com aquilo, ele ficou super bem a semana passada, o quê que aconteceu? Você sofre, por que fala: “eu tô toda marcada, tô toda roxa, toda unhada e tal...” mas aí o quê que eu fiz? Eu fui a fundo descobrir o que estava acontecendo, por que aqui na escola, não dava para a gente saber o quê que era... Então eu comecei “ah! Você mora aonde? Ah! Eu moro lá no Jandari...” Jandari é um bairro um pouco perigoso, vamos assim dizer, aqui em Ribeirão, “ah! Tá...e você fica aonde a tarde?” “Ah! Eu fico no bar com o meu pai...” o pai dele tinha um bar...”ah! tá...ah! e sua mãe?” “Minha mãe trabalha no hospital... Mas ela só chega a noite e eu fico o dia inteiro no bar...” então assim, ele ficava na rua, ele só tinha amizade com crianças maiores que ele, ficava meio que largado...aí eu peguei e falei assim: me fala aonde é que eu vou lá...aí peguei meu marido e nós fomos um dia nesse bar fui lá sentei, fui ver a realidade desse menino, conheci o pai, conheci a mãe, a gente fez uma amizade, aí eu fui vendo o por que de tudo aquilo, por que daquela agressividade, por que ele ficava no bar, jogado, ia lá comia, voltava para jogar bola, saia daqui uma hora, e ficava lá o tempo todo jogado, ele ia tomava banho, dormia, aí eu falei não gente, não pode né? Vamos acolher esse menino, por que ele não tem afeto, amor, nada... eu peguei e comecei a ver ele de outro jeito, ele com outros olhos, fui incluindo ele, aí no começo eu ia fazendo um pouco o que ele queria, um pouco do que tinha que ser feito, até ele entrar no ritmo, aí por fim ele entrou no ritmo, ele começou a aprender por que ele não sabia nada... começou a escrever o nome dele, começou a fazer as letras, começou a associar o som com a letra, aí ele foi...”nossa! Eu tô gostando, nossa!” Aí eu vi que estava no caminho certo... Aí no final do ano foi só amor, então assim, foi um começo bem tumultuado, mais do meio para frente foi bem tranquilo, a família realmente começou a participar mais, foi caminhando, mas assim eu acho que foi uma situação de sofrimento que no final deu certo, por que no final ele me ama hoje, hoje ele tá a tarde, quando ele me vê me abraça, “ah! Que saudade, Paulinho...” Ele fala “é eu também tenho saudade, você lembra aquele dia que eu te bati?” Daí eu falo “ah! Já passou já...” “Ah é né?” “Já passou, a gente já conversou, faz muito tempo isso, nossa você nem faz mais isso...” ‘É não faço. Então assim para ele, ele não esquece, mas foi assim, algo que me fez sofrer com isso, eu fiquei abalada, vou fazer o quê com esse menino? Vou deixar? Não posso deixar... Vamos incluir. Então eu fui atrás de pesquisar o que estava por trás daquilo, para poder entender, aí ele foi mostrando, ele foi ficando, tanto que está na escola até hoje, está super bem... Tá super moço, super educado, sabe, mudou totalmente, a gente vê nossa começou lá, mas os frutos estão vendo aqui e se eu tivesse desistido dele? se eu tivesse desistido o que ele poderia virar? Então é o olhar nosso também né? que a gente tem de fazer a diferença na vida deles saber qual é o sentido da vida dele. O sentido da vida dele era ficar na rua, nada com nada e aí que ele descobriu que tinha o sentido para aprender, que podia aprender os números, aprender as letras, falar melhor, porque ele falava errado, gaguejava muito na época. “Então vamos aprender pra você ficar melhor, falar melhor, tal e tal” então assim não desistir. Aqui na escola a gente tem muitos casos difíceis a gente vai e vai e vai até, até conseguir. Mas é gratificante. |
| Entrevista 2 | Já. dois anos atrás eu era professora do primeiro ano e eu peguei a turma que eu estou, e eu tinha alguns alunos com muitas dificuldades e passei por uma situação, eu  passava orientação para os pais, vou falar de uma maneira sem citar nomes, e era uma criança específica que tinha muitas dificuldades, eu colocava na lousa perto de mim, me ajudava, falava “vamos fazer a sua apostila, o seu livro” , material que temos para fazer, eu ajudava ele, só que ele não conseguia se concentrar e olhava para longe não conseguia olhar para mim, ficava mexendo com os amigos, dando risada do outro e aí eu fui tentando conscientizar os pais na reunião de pais, “olha ele tá com muita dificuldade de conseguir se alfabetizar” e isso foi me deixando frustrada porque eu orientava, estava fazendo de tudo por ele, orientava os pais e não via resultado e aí foi quando eu fiquei sabendo que teve um aniversário com as crianças e nessa reunião eu pedi para mãe procurar o especialista procurar um médico tentando fazer uma orientação psicopedagógica, procurar um neuro, porque está muito diferente das outras crianças tem a questão da bagunça que ele é uma criança agitada sim, mas eu percebi que tinha alguma coisa que não deixava ele se concentrar para estudar e aí foi numa festa de aniversário, foram alguns pais, tenho uma amiga que trabalha comigo aqui na escola, e eu fiquei sabendo que eles falaram que eu era louca que eu queria dar medicamento pro filho deles, que eu que eu pedi para ir ao médico neurologista e tudo mais,  isso me frustrou, diante de tudo o que eu sei da teoria daqui da escola, o que eu fiz por ele, me frustrou, só que aí se passou o ano  e ele  não conseguiu alfabetizar mesmo, chamamos os pais fora das reuniões sempre orientando só que aí quando ele foi para o segundo ano os pais acordaram falaram: “não, realmente tudo que a escola tem proposto para mim eu não estou fazendo e meu filho não está conseguindo alfabetizar” tudo bem que o segundo ano é o final da alfabetização e o terceiro ano são regras ortográficas que ainda existem muitas dificuldades mas isso me frustrou porquê o pai não me deu uma resposta naquele ano aí passou por outra professora foram chamados novamente esses pais logo no primeiro bimestre a mãe tomou uma iniciativa e procurou os especialistas, aí a professora, como a gente tem contato, estávamos conversando no café, a professora falou “olha eu acho que vai dar certo agora porque   os pais acordaram,  ele tem muita dificuldade” eu falei “que bom” aí eu pude perceber e refletir assim, que eu fiz algo por ele, muitas coisas, só que os pais não deram respostas para a gente e aí esse ano novamente eu peguei essa turma, esse ano de 2016  eu peguei essa turma  de primeiro ano que foi minha e aí eu obtive resultado dele que ele procurou ajuda está fazendo psicopedagogia  está fazendo acompanhamento desde o semestre passado e eu agora estou colhendo os frutos, ele está mais centrado, ele está com diagnóstico de três laudos   que  ele  está  como  déficit  de atenção, hiperatividade, dificuldade no processamento auditivo. Agora você olha a criança, eu já olhava ele com outros olhos  tentava ajudar ele o máximo mas os pais não viam ele com outros olhos e aí agora podemos estar trabalhando com a família e a escola em conjunto então assim, eu plantei uma semente, ela desenvolveu, os pais tomaram consciência, desenvolveu e eu estou colhendo os frutos agora que ele está bem mais centrado quando eu falo vamos fazer tal coisa ele faz,   ele é disperso, mas agora ele está bem melhor então trabalhar escola e família. Então foi um sofrimento que foi superado porque assim, eu passei essas dificuldades fiquei muito angustiada quando os pais falaram assim “a professora mandou tomar remédio, ela está ficando louca, porque não vou dar remédio para o meu filho”  não tem nada mas você que está a muitos anos na educação você vê que a criança é diferente então, foi uma frustração que agora estou colhendo os frutos. |
| Entrevista 3 | Eu já estou aqui na escola desde 2002 entrei como estagiária, depois eu passei pela biblioteca, e assumi uma sala em 2005 então, fiquei dois anos como professora de maternal III, lá é muito cuidar mesmo depois, eu fiquei três ou quatro anos no jardim II, é a fase que sai de lá e vim para cá e eu estou no fundamental há quatro ou cinco anos, mas, experiência de sofrimento no sentido da prática pedagógica eu ainda não me deparei com nenhum sofrimento. Às vezes a gente fica frustrado com algumas coisas que você gostaria que acontecesse de um jeito e elas não acontecem aí eu procuro tirar alguma coisa que eu aprendi o que foi o válido e o que não foi para tentar fazer diferente, mas, agora sofrimento eu acredito que não, até mesmo porque eu estou nas séries iniciais tudo para eles é novidade... Tudo tento mostrar da maneira mais prática e eles vão... |
| Entrevista 4 | Já, no ano de 2013 eu trabalhava aqui e em outro colégio, aqui tem uma proposta e lá era outra muito diferente, apesar de trabalhar com mesma faixa etária eu não conseguia fazer os mesmos projetos, o mesmo planejamento, porque lá era totalmente diferente então, para mim é muito difícil porque saia de lá que era longe daqui, demorava mais ou menos uns 20 minutos, saia meio-dia e entrava aqui uma hora então eu tinha que almoçar organizar meu material, meu uniforme e sempre deixava organizado para chegar e sair correndo... Era muito difícil, às vezes, tinha reunião pedagógica aqui à noite e lá na escola... Projetos, atividades extras, festa junina, entre outros e às vezes os dias coincidiam e eu só trabalhava, comecei a ficar estressada, fiquei doente e aí queria abandonar tudo, não sei dizer quantas vezes pensei em pedir demissão lá no outro colégio porque foi meu primeiro ano lá e aqui eu já tava há alguns anos e aí eu falava se eu for sair de algum lugar eu vou sair de lá porque eu gosto muito daqui eu fiquei pensando eu não podia pedir demissão, as crianças não tem nada a ver com isso se eu abandonar tudo agora no meio do ano você sabe como é, tem a questão dos pais acostumarem com você, ter confiança no seu trabalho, a escola confia uma sala para você para o seu trabalho e você vai abandonar tudo? Então eu fui aos trancos e barrancos até o final do ano. |
| Entrevista 5 | Exatamente esse caso que eu estou falando, porque eu estava substituindo uma professora de licença maternidade então, eu estava trabalhando os dois períodos e quando eu cheguei nesta turma esse aluno estava muito angustiado parecia até um quadro de depressão e isso começou a me angustiar também porque eu pensei: alguma coisa eu tenho que fazer para ajudar essa criança, porque ele queria muito ler, ele queria muito participar das aulas de maneira mais ativa, ele não conseguia ler os enunciados. Foi aí que eu conversei com as crianças adaptando algumas estratégias, mas, eu fiquei no sofrimento também porque o sentido para mim aquela hora era ajudar aquela criança, tinha que ajudar de alguma forma, isso causa muito sofrimento porque a gente quer resultados logo e a gente às vezes não temos muita paciência de esperar, quer ver a criança se desenvolver, mas aí quando envolveu o meu trabalho pedagógico, a coordenadora, as crianças conseguimos adaptar as estratégias e essa criança foi alfabetizada, mas foi um sofrimento para mim, teve outros, mas eu lembro mais desse. |
| Entrevista 6 | Victor Frankl fala que apesar de todo sim a vida também temos que sentir situações de sofrimento, de frustração, quando me deparo com um aluno mais complicado, uma situação com a família em que não se consegue chegar à família e percebe que isso está empacando nosso trabalho em sala, que a família tem um jeito diferente das coisas e a escola tem outra isso que gera ansiedade, angústia... Esse sofrimento na prática é sempre ver além daquilo, como eu gosto muito do que eu faço gosto muito de dar aula, tudo para mim se encaixa bem, nunca pensei em desistir da minha prática pedagógica, geralmente o mais difícil são crianças com deficiência, principalmente, aquelas que não respondem, quando você dá aula e o aluno responde você tem um feedback, você sempre está tendo retorno, aí fica tudo mais tranquilo, porque vemos o seu trabalho caminhando, quando se depara com um aluno que não fornece respostas nem oralmente nem por gesto gera uma angústia, se está indo para o caminho certo, se está fazendo com que aquele aluno cresça. No momento recebi um aluno há duas semanas que é bem complexa a situação dele ele não fala, não anda, tem um comprometimento motor muito grande e aí nós temos que trabalhar os mesmos temas com essa visão de inclusão, adaptando as atividades,tentando fazer com que aquilo fique o mais concreto possível para ele... Como ele não me fornece nenhuma resposta tenho que ficar falando  Tudo, passo a passo para que ele vá entendendo mas nem isso a gente sabe esta entendendo... Porém, acreditamos no que ele pode vir a ser se formos pensar na condição dele agora na que ele mostra é bem complicado, mas como a gente acredita que vai dar certo que assim ele vai chegar, que ele pode ter um caminho de progresso, nos ajuda a ter mais esperança, nós continuamos conversamos com a família, porque nós acreditamos que ele pode vir a ser melhor... |

|  |
| --- |
| 6. Quais são os instrumentos que você ou a escola utiliza para ajudar no desenvolvimento da dimensão autotranscendente dos educando? |

|  |  |
| --- | --- |
| Entrevista 1 | Aqui entra o trabalho de valores e virtudes que eu comentei com você sobre o livro Castelo das virtudes em que a gente trabalha obediência, alegria, amor, a solidariedade, o respeito. Muitas vezes principalmente no começo do ano acontecem algumas situações em que percebemos que eles riem, outros tiram sarro, eles fazem piadinhas mesmo e com o trabalho dos valores e das virtudes eles acabam se colocando mais no lugar dos outros aí eu falo assim “você gostaria que fizessem isso com você?” “Ah não.” então o que você vai fazer? Eu vou mudar, eu vou ajudar o meu amigo, se ele cair você levanta, se ele tropeçar você ajuda, muitas vezes  a gente pede para eles se colocarem  no lugar dos outros. Às vezes eles se batem, puxam o cabelo, mordem, fazem algumas coisas assim “e se fosse com você? você ficaria feliz?” “não, eu ia ficar muito triste eu ia chorar.” “então você não pode fazer isso com um amigo. O que você tem que fazer com seu amigo?” “eu tenho que cuidar do meu amigo, eu tenho que respeitar, eu tenho sempre que me colocar no lugar do outro senão eu não vou gostar disso.” eu faço muito isso com eles até mesmo se eles fazem alguma coisa que magoa outro se você está gordo ou você está magrelo “aí você gostaria que ele falasse isso para você?” “não.” “Então o que você tem que falar?” “que ele está bonito” tá não precisa falar toda hora que o seu amigo está bonito, é só você não falar que ele está feio. Aí eles falam: é verdade. “você gosta que fale isso com você?” “não” “então, você não quer ouvir, então se você não quer ouvir, não pode falar.” então a gente usa muito o se colocar no lugar do outro para saber se isso é bom ou não até mesmo quando ele bate “e se ele te batesse de volta você ia gostar?” porque muitas vezes eles se batem e a gente conversa com os dois, mas, tem criança que bate e já vem falar: “Fulano me bateu” e se fosse ao contrário? Se você tivesse batido nele e ele bater em você? Você ia gostar? “Não, porque dói.” porque você fez isso então? sempre se colocar no lugar do outro. |
| Entrevista 2 | A autotrascendência é colocar-se no lugar do outro então sempre tem alguma situação desagradável que a gente reflete com a criança para se colocar no lugar do outro, será que você gostaria que acontecesse isso? é gostoso bater  no amigo? A dor que ele está sentindo você gostaria de sentir?  Se colocar no lugar dele.  Está acontecendo muito assim na minha sala  de  zoeira ficam zoando o outro, erra algum problema de matemática, erra alguma resposta de português ou outras matérias, “Nossa, fez errado” então, fazemos? Uma assembleia. Estou para fazer uma sexta-feira porque como estou dando revisão de matemática nós vamos ter prova, hoje já aconteceu prova que a gente aplica para as crianças aí vem a zoeira “Nossa, errou... errou... você é burro.” Até isso eles falam entre si, são crianças. Então vou fazer uma assembleia após a prova no final dessa semana para a gente refletir o que está acontecendo e eles fazem as regras acontecerem, tem punição. È ficar sem recreio... Ficar sem conversar com um amigo... Eles mesmos elaboraram as regras e a punição. Então tem muito disso a gente faz as assembleias para colocar-se no lugar do outro... E o que está sentindo? Você gostou ou não gostou? E se fosse com você, você faria? Então, o que eu não gosto que faça comigo não faço com o outro. |
| Entrevista 3 | Com a auto transcendência nós temos um outro projeto que todas as turmas trabalham mas cada turma de um jeito. Nós temos o PROJETO RECIPROCIDADE que foi um projeto que nós já fazíamos e depois foi dado esse nome, é ajudar o outro, a gente precisa do outro, mas têm coisas que a gente pode fazer sozinho então, eles têm as tarefas diárias e na minha turma eu tenho seis alunos que estão lendo e os outros 13 ainda não. Eu tenho dois com uma dificuldade significativa, mas dentro do esperado. Então, para quê que a gente usa o projeto da reciprocidade eles vão se dividir em tarefas, os alunos vão ficar responsáveis por fazer a chamada então o quê que eu fiz, a gente coloca uma criança que lê e uma outra que não lê aí um vai ajudar o outro ele vai ver que depende ou precisa do outro mas sem menosprezar no sentido de ajudar o mesmo. Tem o projeto da reciprocidade e o dos valores e das virtudes, a gente não deixa de trabalhar, é trabalhada no infantil, mas, aqui a gente continua com a ordem, a obediência, a sinceridade, sempre procura trabalhar pelo menos de 15 em 15 dias o valor então, eles estão na fase de querer começar a contar mentira tudo para eles a televisão influencia eles trazem questões de guerra então a gente trabalha a questão da Paz, obediência, a virtude de saber ouvir. Acho que é nesse sentido a gente precisa do outro sim, mas podemos fazer alguma coisa sozinhos, se colocar na situação do outro quando tem situações de briga principalmente na hora do intervalo, “você gostaria que amiga puxasse seu cabelo? o que você ia sentir? se coloca no lugar dela...” Então se colocam no lugar do outro. |
| Entrevista 4 | Temos dois projetos que é o Projeto reciprocidade que eu já citei e também tem o projeto protagonista da semana nesse projeto procuramos desenvolver na criança a sua singularidade durante uma semana, então, no começo do ano a gente faz o projeto e estipula as datas por criança e aí conforme vai passando a semana cada criança é protagonista. Essa criança tem as funções dela ajudando em algumas situações, tem a caixa de pertences que vem para sala de aula que tem os pertences preferidos deles e a gente procura falar com os pais que é a criança que tem que resolver aquilo que é importante para ela pra ela levar, coisas que ela gosta muito, a roupa preferida, o sapato preferido, o brinquedo, o livro, o filme preferido e a música. E aí a família da criança vem até a escola e as crianças fazem perguntas para família então a gente faz isso na sexta-feira a família vem traz o lanche que a criança gosta de comer, de beber e aí ali eles fazem um monte de perguntas, como a criança era quando era bebê, o que ela gosta, o que ela não gosta, o que ela faz com a família dela... São várias coisas e eles fazem muitas perguntas interessantes e, por exemplo, na segunda-feira que a criança vem a gente abre a caixa, registra com fotos, na terça-feira a gente assisti o filme dela preferido, no outro dia a gente lê o livro de história, aí eles fazem exercício no caderno, desenho da história, escuta a música, brinca com brinquedo, daí a gente faz de uma forma que todos brinquem e é legal porque às vezes na hora do lanche preferido, uma criança não gosta de suco de uva “acho esse suco horrível” aí eu falo: e se fosse o seu dia de protagonista? O seu suco preferido? O que você ia achar se alguém falasse? Você tem que respeitar, se você não gosta no seu dia você vai trazer o seu... A gente procura fazer isso durante toda a semana o filme... “Nossa que filme horrível” “eu não gosto dessa história”... Agora eu percebo que do começo do ano até agora eles estão respeitando mais, na época a criança ficava ofendida. É uma data muito esperada a família relata que a criança fica super ansiosa para arrumar a caixa. |
| Entrevista 5 | Nós somos uma escola católica então nós trabalhamos com ensino religioso, tem a professora de ensino religioso que ajuda nessa parte e nós também temos o projeto de Valores e Virtudes, trabalhamos Valores e Virtudes de maneira prática e também teórica, as crianças acabam sabendo o significado das virtudes e como elas podem colocar em prática a virtude no dia a dia. Trabalhamos também com os pais, por exemplo, quais são as metas que os pais querem que a criança alcance no sentido das tarefas diárias, no trato com as pessoas... Na reunião de pais a gente coloca esse recado para os pais e eles vão enumerando aquilo que eles querem que os filhos pratiquem... Trabalhamos esse projeto em todas as séries. |
| Entrevista 6 | Autotranscendência é ver além das coisas, sair de si e ver o outro, sair de uma situação problema e ver além... Com criança pequena quatro ou cinco anos a gente pede para respirar fundo, pensar, se acalmar, para que ele não aja por instinto... Mas sim naquilo que ele está fazendo e sempre voltando para ele essas possibilidades de escolha... Assumindo as consequências. “Vamos parar, vamos pensar...” nos posicionamos no nível da criança, conversamos frente a frente com calma, mostrando as consequências de cada coisa, esperando que ele vá sair dessa situação, ver além, sempre mostrando... Eles são pequenininhos e não tem essa capacidade sozinhos nós fazemos a mediação o tempo todo ensinando passo a passo. |